

Aderbal Sales

A História registra que foi em Atenas, há mais de dois mil anos, que surgiu, com Platão, a primeira Academia, onde o mestre dos mestres se reunia com os seus discípulos para ensinar a sua filosofia da verdade, da moral e da beleza, exprimir o seu pensamento e semear em diálogos as suas idéias luminosas e imortais.

A Academia, que nasceu num jardim, entre árvores e flores, num ambiente próprio para cultivar o espírito, a meditação e o estudo, nessa Grécia de sábios e artistas, que seria, mais tarde, peregrinação obrigatória para todos aqueles artistas e escritores, sobretudo, que, ávidos de curiosidade e cultura, queriam conhecer a mais fascinante e rica civilização da antiguidade, hoje nostalgicamente sobrevivendo através de suas ruínas, nos monumentos, templos, esculturas e altares dos seus deuses.

O conhecimento da beleza como forma abstrata e visível de expressão, nasceu na Hélade e, somente depois, se estendeu pela Europa e o Oriente.

A sua poesia encheu de ritmos eternos os seus céus azuis e de lirismo épico a alma de um povo e o cântico dos seus poetas ainda hoje ressoa na acústica do Universo.

A arte grega, escreveu Herwig Schuchardt, mais do que qualquer outra, impôs-se ao mundo como modelo e exemplo, medida e norma, sem que os helenos se fizessem missionários dos seus Deuses.

A expansão de sua civilização e a influência que exerceu sobre outros povos prende-se, principalmente, ao conceito de

liberdade do homem grego numa luta árdua e constante contra as tradições, as servidões da religião e as restrições impostas pelo Estado, encontrando em Sócrates, Platão, Sófocles, Eurípedes, Praxíteles e Lisipo a sua verdadeira configuração e o seu aspecto definitivos.

Senhores:

No alto de um rochedo solitário ergue-se o que resta da grandiosidade arquitetônica da Acrópole abandonada e semi-destruída, na infinita tristeza de sua solidão e do seu abandono.

Os templos gregos que os seus escultores e artistas construíram, desaparecem destruídos pela ação do tempo e na imobilidade de sua grandeza já não fixam mais na sua perfeição aquela expressão ática de sua beleza imortal.

O Partenon, um dos maiores e mais belos templos, erguido e decorado por Fídias, vacila nos seus frágeis e velhos alicerces, sustentado por dezenas de colunas dóricas, suntuosas pela sua dimensão, corroídas quase totalmente, mutiladas e caídas algumas, enchendo o chão de pedras e destroços de mármore.

O Erecteion resguarda-se na eternidade de suas cariátides maravilhosamente esculpidas, que vão, também, aos poucos se esboroando, enquanto não desaparecem dos seus nichos enormes e os Propileus, logo à entrada da Acrópole, em mármore pentélico, circundados de colunas cilíndricas, semi-ene-grecidas, ainda alvejam ao sol, que espalha pálidos reflexos esmaecidos de ouro, topázio e mica.

A Grécia perpetua a sua grandeza e o seu passado nos seus museus, através do gênio dos seus escultores e artistas.

A Academia, senhores, como idéia de um pensador genial e idealista, misto de professor e filósofo, desabrochou na riqueza de uma floração maravilhosa, semeando aqui e alhures um sem-número de Jardins de Acádemus.

Observou-se, porém, com o decorrer dos séculos, o paradoxo de uma estranha transformação, que não é mais a Academia que imortaliza, mas o escritor, o poeta, o sábio ou o artista que imortalizam a Academia.

Alguém escreveu que é raro uma obra viver por si mesma; no entanto, quando se fixa na perspectiva do tempo e da História, é a obra que perpetua o nome do seu criador.

A imortalidade do escritor, portanto, se projeta através de uma obra e não da imortalidade da Academia.

Esta, por um efêmero momento, é apenas um *status social* que o escritor fará ou não um *status ad immortalitatem*.

Senhores Acadêmicos:

Encontro-me aqui, no augusto e sonhado recinto desta sala, cujas portas se abrem para me deixar entrar, onde me sinto, ao mesmo tempo, satisfeito e orgulhoso em vir participar do vosso convívio e pertencer ao vosso grupo privilegiado e seletivo, em que se encontram com merecido acerto e louvor as mais belas inteligências de nossa terra nas letras e nas artes.

Historiadores, filólogos, poetas, críticos, romancistas e *conteurs*, jornalistas, teatrólogos, cronistas, ensaístas e sociólogos, tudo, enfim, que a cultura nos seus mais variados e múltiplos aspectos pode oferecer como expressão de beleza na arte de escrever, aqui rebrilha em permanente desabrochar e florescer, neste sodalício sagrado do espírito inovador e eterno.

Agradeço a generosidade de vosso gesto, aliás, um pouco receoso pela responsabilidade que sou obrigado a assumir, substituindo nesta Cadeira aparentemente vazia, mas guardando no seu silêncio o áureo prestígio de um nome que foi em vida uma das personalidades mais representativas e brilhantes do Ceará: o Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora.

E esta responsabilidade mais se acentua quando sabemos ser Domingos Olímpio o seu Patrono, que setenta anos depois de morto continua sempre lido e não olvidado, cujo livro de estréia, *Luzia Homem*, lhe deu renome nacional como romancista de uma escola que surgiu, tendo sido no Ceará um dos precursores, com Franklin Távora, Rodolfo Teófilo e Oliveira Paiva.

E neste ficou porque os outros dois, um inacabado, o *Uirapuru*, e outro o *Almirante*, passando-se num ambiente falso

e artificial, fraco na concepção e mais na execução e não como escreveu Lúcia Miguel Pereira referindo-se à *Luzia Homem*, com evidente exagero.

As restrições que possam ser feitas não desmerecem o seu valor tão exaltado pela crítica.

Luzia Homem é o eterno drama social, humano e cíclico de um povo entregue ao abandono do seu triste destino, pontilhado de miséria e fome, paixão e sexo, em que se confundem como símbolos trágicos a natureza e o homem.

A objetividade do quadro retratando com rara perfeição uma paisagem árida e nua, destruída pelo sol, onde tudo é silêncio e morte, está acima do drama em si, cujo desfecho de violência erótica e ódio foge à realidade para se perder na ficção, na exaltação de sua dramaticidade.

No esplendor goiesco dessa flora em revolta, o homem é a vítima abandonada de uma estrutura política, social e econômica sem sentido humano.

Solucionar este problema que vem de longe, é dar-lhe maior consciência social, menos egoísmo e mais forte espírito de solidariedade humana e não o tornar mais triste, embora mais feliz, por ver transformada uma área de miséria e fome em que vivia na Terra da Promissão.

Criar a felicidade não é suprimir a alegria, como escreve o autor de *A Bagaceira*.

Canaã, na alegria farta de sua ressurreição, com a terra coberta de flores e frutos, não fecha as portas nem os olhos aos que a procuram com fome e com sede e muito menos o coração, na migração de uma seca àqueles que lhe pedem uma esmola pelo amor de Deus.

A felicidade ou o que se chama de felicidade, conseqüente ao bem-estar físico, oriunda da fartura, psicologicamente não entristece ninguém, quando muito, fisiologicamente, faz por um momento, o sertanejo aparentemente mais preguiçoso ao prolongar o ócio na modorra digestiva da *siesta*, num meio dia de sol e calor, que é o clima do sertão de todo o Nordeste.

Estudos de Glower e Abraham sugerem que os tipos oralmente satisfeitos são otimistas, generosos, sociáveis, abertos

às novas idéias, o que foi confirmado posteriormente por Frieda Goldman - Eisler.

Não compreender, assim, interpretando de outra maneira, é um erro mais do escritor ou do crítico do que do sociólogo.

O romancista, muitas vezes, observa sem ver ou vê demais o que outros viram com menos imaginação.

Às vezes, a tragédia da realidade deforma emocionalmente a imagem psicossensorial que criou para dar margem a uma interpretação prospectiva falsa e errônea, que reflete apenas o amargor do seu pessimismo ou o desencanto dos seus sonhos e amores, na distorção de recordações que o tempo não apagou ainda.

O seu masoquismo inconsciente se transforma em sadismo consciente que projeta na obra de ficção para satisfazer o seu Ego no lirismo da criação.

Em 1915, quando no próprio Brasil ainda se desconheciam os direitos do homem, sobretudo do homem rural, era absurdo admitir que nos ermos da Paraíba, um capataz de fazenda de gado ou banguê, tivesse a ousadia de fazer exigências e impor condições ao seu patrão, sempre orgulhoso e intransigente do seu poder e domínio sobre aqueles que o serviam em suas terras como agregados, escravizados ao seu patriarcalismo político e econômico.

Era mais do que egoísmo, orgulho, refletindo, talvez, inconscientemente, "a exaltação sentimental da realidade", o que, de acordo com o autor, vem confirmar que "a paixão só é romântica quando falsa", principalmente quando é a vida imitando a arte, como diria Wilde.

A atitude de Latomia, mero feitor assalariado, que, anos antes, ali chegara escorraçado por outra seca, foge à realidade psicológica, moral e humana do meio em que nasceu, cresceu e se criou o homem do sertão.

Uma obscura consciência social que Lúcio, ao assumir a direção do Engenho, depois da morte trágica, premeditada e criminosa de Dagoberto, procurou despertar entre aqueles que ali trabalhavam e viviam em comum, apenas emergia confusa e obscura, ainda sem legislação firmada que amparasse

os seus incertos direitos que eles mesmos desconheciam na sua ignorância.

Era outro o senhor de engenho, a autoridade, no entanto, era a mesma, apenas sem a prepotência feudal de Dagoberto, mas consciente demais para permitir a interferência de um peão, mesmo em chefia de equipe, em contrariá-la.

Marzagão continuaria a receber aqueles poucos que, de passagem, o procuravam, num momento de dor e sofrimento, em busca de trabalho e de pão.

Luzia Homem, a mulher, bela expressão humana de raça em caldeamento e formação, tendo a força de um homem, donde a alcunha com que ficou conhecida naquele meio sórdido, não era uma virago de tipo andróide, como sugere o nome que lhe deram com inveja e maldade.

Na feminilidade exuberante de suas formas perfeitas palpitava agressivamente a sua beleza de mulata sexy.

Apesar dos seus atributos físicos que tanto a embelezavam sem envaidecê-la, dando-lhe graça e sedução, era obrigada pela necessidade de viver com a mãe doente e parálitica, a procurar trabalho e abrigo naquele núcleo amorfo e imundo de retirantes sujos e semi-desnudos, em fuga dos seus lares distantes, expulsos pela seca, “no arrastão dos maus fados”, para um destino mais obscuro e incerto ainda.

Entretanto, para desgraça e infelicidade sua, Crapiúna, soldado do destacamento local, ali sediado, autoridade policial atrabiliária, de farda e revólver à cinta, tomou-se de amores, um amor mórbido e obsessivo por Luzia Homem e começou a persegui-la, seguindo-a por toda parte, sem deixar-lhe descanso, como uma sombra de mau agouro.

Primário e vaidoso, impulsivo e violento, com fama de conquistador sem escrúpulos, ferido no seu orgulho pela sua indiferença e o seu desprezo, açulado por um ciúme doentio e a intriga bem urdida de Belota e Romana, escória humana daquele ambiente prostituído pela miséria e a fome, cada vez mais a procurava, durante o dia no seu trabalho e à noite rondando-lhe a casa como um animal faminto e predatório, em busca da presa que se resguardava com medo.

Um dia, no entanto, se encontraram quando estava sozinha no alto de um morro, onde fora buscar água, que somente ali se conseguia dificilmente, numa fonte já quase esgotada entre as pedras.

Aproximando-se, cínico e audacioso, certo de possuí-la, agora, com os olhos fixos no seu corpo esbelto, num salto felino tentou agarrá-la para tê-la entre os braços e dominá-la pela força.

Amedrontada, em vão procurou correr de encosta abaixo, mas, acossada e encurralada, ao mesmo tempo, sem possibilidade de fuga, o medo transformou-se em ódio e o desespero deu-lhe coragem e ânimo para reagir e defender a sua honra e a sua vida em perigo.

Crapiúna, cego pelo desejo, ante a sua reação inesperada e o seu desprezo, começou a esmurrá-la impiedosamente, com raiva, numa luta desigual e selvagem, entre a fera no cio e a fêmea arredia e arisca que não queria se entregar.

E, não podendo obter o que queria, ensandecido, no delírio de sua alucinação e de todos os sentidos em fúria, apunhalou-a em pleno coração.

Entretanto, mortalmente ferida, antes de cair, amortalhada em sangue, com os dedos crispados como garras, nos espasmos reflexos da morte, rasgou-lhe as faces, abrindo sulcos profundos no seu rosto de monstro.

Quando Raulino, ao ouvir os seus gritos, correu para socorrê-la, encontrou apenas o seu cadáver com as roupas rasgadas, estendido no chão.

E, entre as suas mãos, “como uma enorme opala ensanguentada”, um dos olhos de Crapiúna.

Este é o desfecho trágico e, em síntese, o enredo deste romance de sangue, paixão e morte, desenvolvendo-se num cenário de seca, nos arrabaldes de Sobral, no Ceará.

O resto é paisagem, a mais dolorosa e triste de todas as paisagens, quando no sertão as chuvas escasseiam para depois faltar e somente o sol na amplidão infinita, como fantástica pupila em brasa, deixa cair a sua luz de fogo, queimando num incêndio sem chamas, a vida da face calcinada

da terra sem água, onde as árvores sem folhas e sem sombra, como fantasmas perdidos na mata deserta, estendem as mãos e os braços recurvos dos galhos secos, numa súplica como-vedora e vã, para um céu sem Deus.

Luzia Homem, Crapiúna, Alexandre, Teresinha e Raulino e a submassa humana que ali rasteja numa promiscuidade de animais submissos, estão bem caracterizados nos contrastes humanos e psicológicos que os separam e identificam dentro do mesmo cenário e no mesmo sofrimento.

Entre outras, esta é a obra que tornou imortal na literatura brasileira o nome de Domingos Olímpio Braga Cavalcante.

E, neste perpassar inexorável, lento e melancólico do tempo, observado à distância, depois de oitenta anos de fundação desta Academia, graças a vós, cheguei até aqui para substituir o Dr. Fernandes Távora, ocupando a Cadeira que ele tanto dignificou em vida, durante tão longos anos, pelo espírito, a cultura, a inteligência e o caráter.

A vida de Fernandes Távora, pelo seu passado e as diretrizes morais que a nortearam em mais de meio século de luta e ideal, numa ascensão sempre contínua, “nunca se dissipando antes se acrescentando”, merecia bem como característica de sua personalidade a legenda expressa nos versos de Byron, que ele mesmo transcreve na página final de uma de suas mais belas crônicas de evocação e saudade, sobre o homem do povo de sua terra martirizada, quando emigrava dos sertões adustos e calcinados do Ceará, para desbravar, conquistar e povoar a Amazônia.

*“Standing on the persian grave,
I should not dream myself slave.”*

Algo de Minha Vida, livro de crença e fé na liberdade e na democracia, que é o espelho de toda uma vida, desde a sua aurora luminosa ao seu crepúsculo sem sombras, forjada numa luta sem trégua e sem desânimo, fixa-o sem o querer, em nossa história local e nacional, como um exemplo difícil

de ser seguido, pelo sentido de perfeição que a encerra e configura nas dimensões do tempo, para estudo e meditação da posteridade que a irá julgar em definitivo.

Auto-retrato de uma das individualidades mais fortes e sugestivas do nosso meio, no seu tríplice aspecto social, político e moral, pela ressonância que despertou em camadas diferentes da sociedade e da imprensa, no seu julgamento teve a sua glorificação mais alta, não só no próprio Senado da República, onde representava, no momento, o seu Estado, como na Academia Brasileira de Letras, pela palavra brilhante e imortal de Barbosa Lima Sobrinho.

Homem de cultura humanística e geral, de idéias e convicções, na sua existência de lutador sempre em ação, nunca se afastou das normas e princípios que a plasmaram indelevelmente no cenário da História política do Ceará e do Brasil.

Aos oitenta e poucos anos, de cabeça erguida e sobranceira, alvejando ao sol, com o mesmo passo firme e seguro de uma mocidade longínqua e audaciosa na vontade e nos seus sonhos, esse aristocrata do pensamento pode olhar para trás, para o longo caminho percorrido e dizer para si mesmo, com o orgulho natural e humano de quem realizou integralmente o seu destino: continuo como comecei, acima de um meio político ávido e egoísta em torno dos seus interesses pessoais e do poder, em que transigir e curvar-se eram uma imposição para sobreviver.

Não transigiu moralmente, nem se curvou politicamente para obter posição e prestígio, orientando-se sempre “pelo desejo constante e inflexível de pautar a vida, segundo as diretrizes da moral e da honra”, que procurou intransigentemente cultivar.

Sociologicamente apolíneo no conceito de Gilberto Freyre, o julgamento dos pósteros na ausência de paixões que o tempo dilui e esmaece, acentuará ainda mais os traços que lhe moldaram o caráter sem jaça, em que o equilíbrio interior, a intransigência das atitudes, a sinceridade das convicções, a grandeza das idéias e a lealdade na amizade definiam o político, o amigo e, enfim, o homem, íntegro, franco, leal e sincero,

que exercia no Partido, desde que entrou na política em 1913, uma verdadeira liderança moral.

Espírito reflexivo e sereno, de uma independência moral incomum, que desde cedo se revelou sem vacilações em toda a sua bela e corajosa existência, assim era o Dr. Fernandes Távora, por formação e temperamento, o que se evidencia nessa outra faceta de sua personalidade, quando apresentou a sua tese de doutoramento ao terminar o seu curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Não aceitando a interferência do Prof. Benício de Abreu, que deveria escolher o assunto, o que era na vida acadêmica uma norma quase obrigatória, cuja enfermaria freqüentou diariamente, como um dos mais assíduos dos seus discípulos, contra a sua vontade, preferiu escrever sobre "Telepatia ou Telestesia", fenômeno psicofísico, bioelétrico e bioquímico da atividade cerebral, transmitido à distância, consciente ou inconscientemente, ainda obscuro, em busca de investigação, estudo e esclarecimento.

Era uma audácia inédita que logo despertou a curiosidade de todos que se formavam naquele ano, do aluno de ontem em divergência com o mestre e a ciência oficial, pragmática e ortodoxa, sobretudo dos que ainda ouviam a ressonância sugestionadora da era anatômica da patologia celular de Virchow, de que "não havia enfermidades gerais e sim doenças de tecidos e de órgãos".

O assunto em foco e discussão, no momento, entre leigos, sábios e doutos, se perdia no abstrato do Espiritismo, portanto, à margem da Medicina, principalmente da Medicina organicista de Morgagni e Bichat, que, paradoxalmente, continuava a orientar a formação dos médicos no Brasil.

Entretanto, foi o seu grande mestre, Prof. Benício de Abreu ainda não esquecido da ousadia de seu discípulo a quem tanto queria e admirava, que, aceitando fazer parte da comissão examinadora, compareceu já doente para argüi-lo, talvez pensando com certa malícia em confundir-lo num debate oral de idéias e conhecimento, o que, aliás, não se observou e logo depois, orgulhoso e emocionado pela cultura brilhantemente

demonstrada pelo seu aluno de ontem e colega de hoje, na defesa de sua tese, deu-lhe distinção, abraçando-o afetuosamente.

Ao escrevê-la, sem preocupação e receio, senhor do assunto, no aticismo de seu estilo primoroso, dentro de outras idéias e novos conceitos, procurou explicá-la cientificamente e não por influências sobrenaturais e extra-humanas, como queria o Espiritismo.

O homem, ser cosmo-bio-psicológico ou espírito e soma que o integram como um todo indiviso e uno, não existia, apesar de já entrevistado há vinte séculos por Hipócrates e o médico recém-formado ao examiná-lo, na impossibilidade de compreender o seu sofrimento, procurando no corpo o que estava na alma que não via, sentia sem querer que o drama do doente se transformava aos poucos no seu próprio drama, por não encontrar na imensidade estratificada de uma patologia excessivamente orgânica e objetiva o porque daquela ansiedade, daquele desespero e daquela dor, incapaz, portanto, por limitações de formação e cultura, de ir em busca da origem, ou como diz Sarró, “daquele *centro existencial*, em que o homem acochado pela angústia deve decidir-se entre as solicitações do momento e as que emanam da totalidade de sua vida, entre o real e o ideal, o indivíduo e a sociedade, o instinto e a norma”.

Erudito, de uma cultura geral e especializada de plural dimensão, há 36 anos atrás, numa carta escrita ao Pe. Azarias Sobreira, que ficou entre nós, como subsídio para a História, numa linguagem clara e escorreita, esculpia o retrato humano da personalidade do Pe. Cícero, o taumaturgo de Juazeiro. definindo-lhe com rara fidelidade as virtudes e qualidades, os sentimentos profundamente cristãos, a sua bondade natural de esmoler, asceta e missionário, procurando sempre servir ao povo humilde de sua terra em que era o esteio espiritual e moral.

Esta carta, que ficou nos Anais da Medicina do Ceará, é um estudo magistral clínico-psiquiátrico de sua doença, que mal se esboçava nos seus sintomas clássicos, psicológico do

doente e sociológico do meio dominado pela ignorância e o fanatismo, que poucos psiquiatras fariam igual e nem os médicos que lhe deram assistência entreviram.

E, com antecipação, fez o prognóstico, traçando-lhe a evolução crônica e progressiva que o tempo veio depois confirmar.

Há muitos anos, quando estudante em Fortaleza, no velho Liceu dos meus tempos, hoje tão diferente que não o reconheço agora, uma das recordações que guardo na memória. do Dr. Fernandes Távora, apesar do tempo decorrido, é a de uma atitude sua na Assembléia Estadual do Ceará e se o faço aqui, neste momento, é para revelar aos que não o conheceram o seu temperamento emocionalmente equilibrado e a educação de sua personalidade social, moral e política.

Ouvia-o em silêncio, curioso, com respeito e admiração, falando da tribuna da Câmara, quando um desses áulicos amorfos da situação, sempre tão inexpressivos como em todos os tempos, interrompe-o, num aparte infeliz, de certo modo descortez, mais para feri-lo e irritá-lo do que para contestar os seus argumentos e a censura que fazia à orientação policial do governo de temor e opressão em certos municípios do interior do Estado.

Fernandes Távora, com absoluto domínio de si mesmo, sem perder a elegância e serenidade que lhe eram inerentes, calmo e impassível, olha para o seu opositor colérico, cianótico e agressivo e diz, apenas: “a subserviência política nunca deve obscurecer o nosso raciocínio na apreciação e julgamento de fatos que todos conhecem pela imprensa e da tribuna desta Casa”.

“Querer justificá-los, encobri-los ou contestá-los, como o faz V. Excelência com tanta exaltação, é acumpliciar-se com os criminosos na defesa do crime que não encontra neste momento tribunal para julgá-los, condenando-os através da Justiça”.

E, calmamente, continua a falar, enquanto um meio sorriso se esboça na fisionomia de alguns dos presentes.

A incompreensão de muitos, que o cercou durante a vida, resulta destas virtudes da vontade mais do que do coração,

que lhe eram inatas, oriundas do seu modo de ser reservado, distante, pouco acessível à primeira impressão, de quem tinha dentro de si um mundo todo seu, que pouco se exteriorizava, cioso de sua intimidade, discreto no julgar, mais aparente do que real, como o afirmam o grande número de seus amigos e admiradores e o próprio Partido a que pertencia, elegendo-o mais de uma vez, para a Câmara Federal e o Senado.

Médico, depois de graduar-se ainda moço, pleno de sonhos e idealismo, faz da Medicina um sacerdócio e apóstolo e pioneiro, ao mesmo tempo, como um samaritano perdido nesta sociedade de consumo em autodestruição, abandona a comodidade urbana de uma clínica promissora e selecionada pela confiança que já despertava o seu nome e vai internar-se nos seringais distantes e doentios da Amazônia, no Alto Juruá, como se seguisse a predestinação de uma raça ou o fadário de um povo, onde tudo faltava em higiene e saúde pública para a sobrevivência do homem abandonado, exposto a todas as endemias que ali grassavam, proliferando invisíveis e traiçoeiras, com alto índice de mortalidade, nos igarapés, nos pântanos e nas matas sem luz, úmidas e sombrias.

E, anos depois, voltava mais desiludido e não menos revoltado contra um crime sem castigo, mas não vencido nos seus sonhos e ideais de lutador teimoso em sonho.

Jornalista por necessidade de ação e político, não sei se por vocação ou temperamento, ao retornar do seu exílio voluntário para a terra natal, não esquecendo que era médico, foi mais de uma vez estagiar para se atualizar nas principais clínicas e Hospitais da Europa, onde, em Paris, paradoxalmente, foi encontrar, tão distante, o seu verdadeiro destino sentimental e humano, que deu um novo e maior sentido espiritual à sua existência.

Aqui fundou a *Tribuna*, que, em pouco tempo, se tornou o centro de luta da oposição no Estado, combatendo e doutrinando como um guerrilheiro de idéias e de ideal, que, sabendo escrever, dentro do bom estilo, acutilava e feria sem constrangimento, piedade e temor, os erros e abusos de uma situação em desespero que a ortodoxia e o sectarismo faziam-

na oligárquica, prepotente e subalterna em transigir e obedecer quando os interesses do grupo o exigiam.

Eleito para a Câmara dos Deputados, primeiramente, expôs e debateu com elevação e conhecimento problemas de ordem geral e específicos, regionais e nacionais, sem nunca descer a retaliações pessoais, colocando-se sempre acima dos "lenocínios da política", de que era rico o meio político de então.

Era esta fidelidade a si mesmo e aos seus amigos que o alçou a posições de relevo, representando o seu Partido, nas quais se manteve com absoluta intransigência moral e profundo sentido de responsabilidade cívica, procurando mais "servir do que servir-se", na defesa dos problemas fundamentais do povo e do Ceará.

Escritor e estilista, ático na forma e harmonioso na expressão, antológico não raramente, escreveu crônicas de rara beleza e sensibilidade, como "Diante de Vigo", "Conquistadores do Deserto", "Revendo o Tejo", "Viola Amiga" e outras que pela intensidade da cor local, o poder de fixação da imagem e a plasticidade do estilo vivo, dútil e escorreito, ficarão para sempre em nossas letras como das mais belas da literatura do Ceará e do Brasil.

Esta existência polidimensional, de objetivos claros, amplos e definidos nos seus fins e na luta a que se entregava, como um batalhador de fibra inamalgável, persistente, inabalável e sonhador, nunca "esmorecendo para não desmerecer", apesar dos seus desenganos, nem sempre compreendido, nunca vacilou, mesmo quando as condições lhe eram hostis e adversas.

Não é exagero afirmar que nestes cinqüenta anos esteve presente em todos os momentos na vida política do Ceará como um dos seus líderes mais autênticos, pelas suas convicções, o seu espírito e a sua densidade moral.

Árvore legendária e harmoniosa que deu sombras e frutos no deserto de nossa paisagem humana, envelheceu florescendo e semeando, por um imperativo genético de sua inteligência e do seu destino.

Fernandes Távora, político por uma predestinação que estava acima de suas forças conscientes, sobreviveu para vencer no mais belo sentido da vitória que dignifica, eleva e enobrece, sem nunca esquecer o amigo ou um correligionário.

Ele mesmo a mim escreveu: “eu não sentia qualquer propensão para a política, onde sempre me senti como um corpo estranho pela dificuldade de adaptação e nela entrei atendendo tão-somente às razões do coração, que, como sabe, é o pior dos conselheiros. Entretanto, uma vez nela enredado, tive que sofrer todas as conseqüências de um ambiente adverso; e, daí, a série imensa de obstáculos e contrariedades que me torturaram, por mais de meio século. Mas, nem tudo, porém, foi engano ou ilusão; sem arrependimentos ou remorsos, posso recordar aquela vida de lutas e sacrifícios. Ainda bem que mal me fora — diz, fazendo suas as palavras de Frei João da Purificação. — O que sofri foi o natural e inevitável tributo de quantos, como eu, soltam, inadvertidamente, as rédeas do pensamento nos campos imensos e sedutores do sonho e do ideal... Agora, no crepúsculo da existência, ao receber o carinhoso afago de sua generosidade, complemento de tantas cutras, que assaz me distinguiram e honraram, chego, às vezes, à persuasão de que, na minha vida longa e trabalhada, nem tudo foi em vão”.

Senhores:

*“Quem sonha sem lutar não alcança,
Quem luta sem sonhar não vive.”*

O sentido de grandeza humana desta verdade genialmente expressa por Antônio Hernandez, que transcreve numa das páginas do seu livro *Algo de Minha Vida*, fixa e define moralmente toda a sua bela e luminosa existência de lutador que sonhou para viver e sonhador que lutou para alcançar o seu destino.